



Mensagem da Quaresma

Assumir as dores e esperanças da Sociedade

1- A Quaresma, como tempo de preparação para a Páscoa, decorre neste ano de 9 de Março até 21 de Abril, seguindo-se o tríduo pascal e a Páscoa no dia 24.

Falar da Quaresma parece hoje desnecessário, tão grandes são as privações e os sofrimentos com

que andamos esmagados. Todavia, os sofrimentos não constituem por si mesmos exercícios quaresmais, nem a Quaresma é propriamente uma soma de martírios, mas um tempo longo de reflexão e do exercício de oração e acção que pode assemelhar-se ao catecumenado

ou aprendizagem da vida cristã.

Aqueles sofrimentos são sintomas de que algo vai mal na sociedade, e o cristão deve fazer suas alegrias e as esperanças do mundo em que vive, procurando entendê-las à luz do plano de Deus e aceitando mudar de vida (GS 1). Essa

mudança chama-se conversão, que inclui os critérios de pensar e de agir.

2 - De facto, a sociedade vem há anos a tentar organizar-se sem valores morais nem valores religiosos que, para muita gente, parecem supérfluos e mesmo um entrave. Pôs-se de lado a preocupação pela verdade, e assumiu-se a liberdade como valor soberano. O resultado está aí: apesar da muita legislação, há estruturas que não funcionam, vizinhos que se desconhecem, casados que se agridem e se separam, pais que matam os filhos e filhos que matam os pais, empresas públicas que acumulam lucros enormes com bens indispensáveis aos cidadãos, abortos oficiais a gastarem milhões de euros que se negam aos casais com filhos, mecanismos que afastam as pessoas em vez de as aproximar, legalização de casamentos que são estruturas de egoísmo, idosos abandonados e candidatos ao suicídio. Fala-se somente de bem-estar e de crescimento técnico, que não coincide com progresso humano, e na sociedade falta calor e vida, como se andássemos todos cansados, com frio e sem nunca alcançar o sol.

Cont. pág. 4



Caminho para a Páscoa

“Na alegria do desejo espiritual, esperai a Santa Páscoa!” Com estas palavras de São Bento aos seus monges, também a Igreja nos convida, uma vez mais, a viver a Quaresma como um tempo de preparação para a Páscoa. Assim a Quaresma está inserida dentro do Ciclo Pascal, cujo centro é a Páscoa na qual fazemos memória do grande mistério da nossa fé: o mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Quaresma e Páscoa são dois tempos litúrgicos profundamente ligados entre si. Celebram o mesmo e único mistério sob aspectos diferentes. Diz-nos Santo Agostinho: “Foi instituída a celebração de dois tempos: um antes da Páscoa e

outro depois da Páscoa. O tempo precedente à Páscoa faz referência à tribulação em que nos encontramos; o que celebramos após a Páscoa lembra a felicidade futura em que nos encontraremos. Antes da Páscoa, portanto, celebramos o que

vivemos; depois da Páscoa celebramos, assinalando, o que ainda não temos. Por isso, no primeiro tempo exercitamo-nos em jejuns e orações; agora, terminados os jejuns, passamos o tempo em louvores. Tal é o sentido do Aleluia que can-

tamos. Aleluia traduz-se para o latim, como sabeis, por: ‘Louvai ao Senhor’. O primeiro tempo, portanto, representa a fase anterior à ressurreição; o segundo, a posterior à ressurreição do Senhor. Significa a vida futura que ainda não possuímos” (Comentário ao Salmo 148).

No tempo da Quaresma somos convidados a fazer uma verdadeira experiência na participação do mistério pascal de Jesus Cristo. Sofremos com Cristo para

participar da sua glória (cf. Rom 8,17). Esta espiritualidade quaresmal, marcada pela oração, jejum e esmola, é também caracterizada por uma atenta, profunda e prolongada escuta da Palavra de Deus. É esta Palavra que ilumina a vida e chama à conversão, infundindo confiança na misericórdia de Deus. O importante, na Quaresma, não é aquilo que fazemos, mas o que deixamos Deus fazer em nós e por nós.

Cont. pág. 4

Testamento Vital

Por "testamento vital" entende-se um documento, escrito por uma pessoa na plena posse das suas capacidades de decisão, no qual são apresentadas as instruções sobre o que um médico pode ou não fazer, quando o subscritor do documento não estiver em condições de exercer a sua autonomia e o seu direito ao consentimento, após informação sobre o seu estado de saúde e sobre o que o médico lhe propõe para o tratamento.

Em geral, as instruções destes testamentos aplicam-se sobre uma condição terminal, sob um estado permanente de inconsciência ou um dano cerebral irreversível que, além da consciência, não possibilite que a pessoa recupere a capacidade para tomar decisões e expressar seus desejos futuros. Aí o testamento vital estabelece o tratamento a ser aplicado limitando-se às medidas necessárias para manter o conforto, a lucidez e o alívio da dor.

Muitas são as opiniões e convicções acerca do testamento vital. A discussão pela validade ética e a necessidade de uma legislação para a existência e a aceitação ou não de um testamento vital é um tema a ser discutido e a aguardar resolução em vários países.

Tal como sucede em outros países europeus, pretendendo-se legislar em Portugal o testamento vital, a legislação tem de ter em consideração os aspectos mais de-

licados das pessoas que decidem elaborar este documento. Desde as formas de garantir que a declaração é autónoma, bem consciente e bem informada e que não há pressões externas que viessem a decisão até uma disposição clara sobre a impossibilidade de usar o testamento para tentar impor, ao médico, a prática da eutanásia ou do suicídio assistido, a lei terá de estabelecer, de forma juridicamente segura, que o médico vai tomar em consideração o que está escrito no testamento, mas que é ele quem tem a última palavra sobre o que vai, ou não, fazer à pessoa que está a seu cargo. Com testamento ou sem testamento, quando uma pessoa doente não está em condições de receber a informação e de dar, ou não, o seu consentimento, é ao médico que cabe a responsabilidade de decidir.

Na ciência médica moderna e mais actualizada, a decisão terapêutica é um acto científico, não é um mero palpite do médico. Particularmente nas situações de muita gravidade. O testamento vital pode ter-se justificado no passado. Mas o progresso da ciência clínica tornou-o obsoleto, inútil e potencial-

mente perigoso para os doentes.

Filosoficamente, discute-se a transcendência e os possíveis conceitos no contexto de uma distinção entre a morte e falecimento, sobre o significado da vida ou a continuação da mesma sem "qualidade" ou do prolongamento do processo de morte. A solicitação do testamento vital é uma mera súplica de princípio, pois o que se discute é se a eutanásia é admissível ou reprovável independentemente da opinião do interessado, sustentan-



do que em qualquer caso, trata-se de "provocar um suicídio".

Que se afirme que a medicina actual é cada vez mais capaz de prolongar a vida é um dado claro,

porém parece estar pouco preparada para tratar humanamente o doente terminal. Daí a repercussão de se recorrer ao pensamento da eutanásia, presente criticamente como garantia de uma morte digna. É verdade que algumas vezes pode dar a impressão de que os médicos, com seus tratamentos infinitos pretendem somente prolongar a agonia. Talvez, a verdadeira alternativa não seja a eutanásia nem o tratamento terapêutico interminável, que não se deve confundir com assistência médica continuada. Neste campo, a própria estrutura médica tem muito a crescer. Evitar as massas, que leva ao descuido na atenção dos doentes terminais, que costumam ser os que dão mais trabalho e são os que aparentemente mostram menos frutos do trabalho realizado, sendo além disso bastante dispendioso. Potencializar as unidades de cuidados paliativos, que podem evitar muitos sofrimentos é um caminho viável e seguro, tal como afirma o Professor Doutor Daniel Serrão: "De todos os pontos de vista, é eticamente melhor tentar eliminar o sofrimento humano que eliminar o ser humano que sofre".

Os pontos de vista são amplos e as convicções muitas vezes contraditórias. Talvez a melhor forma de chegar a um ponto comum, seja justamente, humanizar a ciência ante o sofrimento e compreender o alcance das nossas acções e dos nossos conhecimentos.

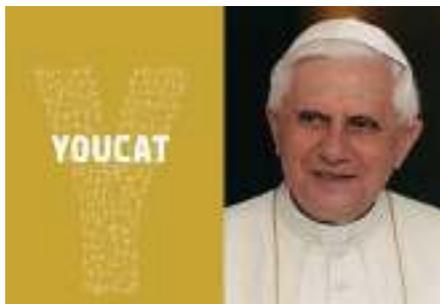
Diacono Pedro Ribeiro

YouCat - Catecismo Juvenil

Bento XVI convidou os jovens de todo o mundo a descobrirem a fé cristã, conhecendo os ensinamentos da Igreja Católica como «um informático conhece o sistema operativo de um computador». A comparação faz parte do prefácio da obra "Youcat" documento de preparação para a Jornada Mundial da Juventude 2011 (JMJ), que vai ter lugar em Madrid, Espanha, no próximo mês de Agosto, com a presença de dezenas de milhares de participantes e do próprio Papa. Este é também um teste à linguagem da Igreja

que pretende, sem desvirtuar a mensagem, tornar-se acessível à compreensão e interessante aos olhos dos jovens do século XXI.

«Algumas pessoas di-



zem-me que o catecismo não interessa à juventude de hoje, mas eu não acredito nessa afirmação e tenho certeza de que estou certo. A juventude não é tão superficial como muitos

dizem, os jovens querem saber o que é realmente a vida», escreve Bento XVI no mesmo prefácio. Segundo o Papa, o catecismo, obra que contém as formulações essenciais da doutrina cristã, é «interessante porque nos fala do nosso próprio destino e, portanto, está intimamente relacionado com cada um de nós».

«Espero que muitos jovens se deixem cativar por esse livro», deseja Bento XVI. Segundo a "Rádio Vaticano", a obra "Youcat", com cerca de 300 páginas, disponível em sete línguas, apresenta um conjunto de perguntas e respostas sobre as «verdades de fé contidas no Catecismo da Igreja Ca-

tólica». A iniciativa partiu dos bispos austríacos, liderados pelo cardeal Christoph Schoenborn, visando oferecer aos participantes na JMJ uma espécie de livro de bolso sobre a fé.

Teólogos, peritos na catequese e juventude criaram o "Youcat", um catecismo jovem em quatro capítulos: "Em que acreditamos", "A celebração do mistério cristão", "A Vida de Cristo" e "A Oração na vida cristã".

Esta é, sem dúvida, uma oportunidade para os Jovens adquirirem algo criado desde a base para os instruir na fé. Uma oportunidade de crescer e de preparar as JMJ.

Fonte: Agência Ecclesia

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade

Centro Católico de Cultura

Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo

Administração

P. António Paulo Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1

5000-669 VILA REAL

Tel. 259322034

Fax. 259378346

E-mail: ccc-vr@mail.pt

Impressão

Minerva Transmontana

Tipografia L.da

R. D. António Valente

da Fonseca

5000-539 VILA REAL

Dar prioridade à formação dos catequistas

Vale a pena reflectir sobre a importância da formação dos catequistas. O Directório Geral da Catequese é formal nesse aspecto: «a pastoral diocesana da catequese dará prioridade absoluta à formação dos catequistas» (nº 234).

Podemos distinguir cinco áreas importantes: doutrinal, cultural, pedagógica, pastoral e espiritual.

1. O catequista deve ter uma grande **formação teológica** e doutrinal. Deve, antes de mais, saber apresentar a fé cristã de modo ajustado e coerente, com clareza e simplicidade. Para tal necessita de conhecer bem a mensagem cristã. Isso só será possível pelo contacto assíduo com a Palavra de Deus e com a Tradição da Igreja, ganhando maturidade na compreensão da vida cristã em Igreja.

2. **Formação cultural.** Hoje mais do que nunca impõe-se que o catequista conheça bem as pessoas a quem se dirige: o meio em que vivem, a sua história, as suas perguntas, referências, gostos e aspirações. Só assim poderá falar da fé, não de modo abstracto e separado da vida, mas inserida na cultura das pessoas de hoje. Os catequistas leigos, pela sua vida familiar e profissional, já conhecem o mundo em que vivem. Será necessário, no entanto uma reflexão mais apurada para perceber melhor as riquezas e contradições do nosso tempo.

3. **Formação pedagógica.** Pede-se ao catequista que tenha qualidades pedagógicas, que cultive a arte de conduzir um processo ou itinerário educativo: por vezes ensina (transmite o depósito da fé da Igreja) e deve fazê-lo com precisão e rigor; outras vezes é animador (valoriza as potencialidades de um grupo, estando atento a todos e cada um, corrige se for o caso, abre caminhos novos); outras vezes é um facilitador de aprendizagens (a partir de documentos escritos ou outros, ajuda os catequizandos a serem verdadeiros protagonistas). Porém, a verdadeira pedagogia dum catequista é iniciar os novos membros na fé da Igreja. Isso toca a inteligência e o coração. Tem a ver com a construção da identidade e com a pertença a uma comunidade. Faz-se com experiências de oração, de fraternidade, de celebração e de compromisso. Neste sentido, o catequista é um companheiro e um mediador.

4. **Formação pastoral.** O catequista deve ser um bom organizador. A catequese tem os seus lugares, tempos e ritmos que é necessário respeitar. Não é obra de uma pessoa ou grupo é da comunidade cristã que tem uma estrutura e organização. Por isso o catequista deve ser pessoa de equipa, de comunhão, um agente pastoral da Igreja capaz de intervenção adequada.

5. **Formação espiritual.** Esta dimensão é fundamental e pode condicionar todas as anteriores. Que será da nossa catequese se não for vivida com espírito evangélico. Isto supõe que o catequista viva a espiritualidade de todos os cristãos, que se pode resumir nas virtudes teológicas da fé, esperança e caridade. Mas é necessário ao catequista desenvolver outras atitudes espirituais, próprias do evangelizador, que serão essenciais para uma catequese frutuosa. Entre elas, refira-se: estar atento aos sinais de Deus na vida das pessoas e do mundo; deixar-se conduzir pelo Espírito Santo; acolher e deixar-se acolher; saber ser humilde, possibilitando o encontro de cada um com Jesus Cristo; ter consciência viva do sentido da comunidade e do acompanhamento pessoal...

Nos últimos meses têm-se multiplicado, na nossa diocese, diversas acções de formação para catequistas. Alijó, Chaves e Valpaços (Curso de Iniciação), Murça e Vila Real (Curso Geral), Pedras Salgadas (formação bíblica). Estão envolvidos cerca de três centenas de catequistas.

Porém, existem alguns indicadores que nos dizem que esta formação é insuficiente. A nosso ver, falta a formação espiritual que é a alma de toda a formação cristã. Essa é de toda a vida e depende da responsabilidade de cada um.

Ao iniciar a Quaresma, em cada paróquia (ou conjunto de paróquias) poderá haver maior atenção à formação espiritual. Para além dos retiros ou colecções espirituais, os catequistas ganhariam muito se conseguissem organizar, em grupo, momentos de oração, adoração, reflexão, em leitura orante, dos textos bíblicos de cada Domingo ou da sessão de catequese. O ideal seria que os párocos animassem esses grupos. Aqui fica o desafio. Boa Missão.

O Secretariado Diocesano da Catequese

Paróquias e Misericórdias, unidas na luta contra a pobreza

Os sacerdotes que exercem o seu múnus pastoral nas paróquias dos concelhos de Alijó e Murça, Arciprestado Douro II, habitualmente reúnem-se uma vez por mês, como fazem os restantes párocos. Deste encontro mensal, normalmente consta a celebração da Eucaristia, uma reunião de trabalho terminando com uma refeição em comum.

No passado dia 11 de Janeiro, este encontro teve lugar na paróquia de Vilar de Maçada e foram convidados a participar os provedores da Santa Casa da Misericórdia de Murça, sr. Belmiro Vilela, e da de Alijó, sr. João Manuel. Face à crise económica, que já se faz sentir, e social que tende a agravar-se, os párocos e provedores começaram por constatar que os maiores problemas se centram entre as pessoas idosas. Ambos os concelhos



possuem populações bastante envelhecidas, um despovoamento agravado pela baixa taxa de natalidade e um êxodo de gente nova que não pára de emigrar. Apesar de, neste momento, as Misericórdias terem 102 lugares em Murça e 60 em Alijó, para idosos em internamento, completamente preenchidos, as listas de espera são longas. No concelho de Alijó, em diferentes freguesias, vão aparecendo alguns lares, pertença de associações, mas nem mesmo assim, são suficientes para as solicitações. O mais preocupante é a desumanidade e até casos de maus tratos a que estão sujeitos alguns idosos, mesmo até por parte da suas próprias famílias. Paróquias e Misericórdias vão dar as mãos, a fim de sensibilizarem a todos, particularmente, os mais novos, para o “lugar do idoso na família”.

Ambas as Misericórdias, praticamente, só possuem como fonte de receita o resultado dos acordos de cooperação. Os mecenas deixaram de existir, os utentes de lar e creches são pessoas com poucos recursos e reformas muito

baixas, o património existente em pouco contribui para as receitas. As dificuldades financeiras são algumas e os constrangimentos a que estão sujeitas por parte do Estado criam sérias dificuldades a prestarem, não só, serviços com qualidade, mas também a tornarem efectivas as obras de misericórdia.

Párocos e provedores estão de acordo, que os focos de pobreza, nesta zona pastoral, estão ligados à deficiente formação humana e cultural, normalmente relacionada com casos de alcoolismo e toxicod dependência.

O falta de emprego é preocupante. Mesmo até no mundo agrícola se faz sentir. Por um lado, a descida dos preços do vinho e azeite, entre outros produtos; por outro, a forte mecanização, que se fez sentir no passado recente, no mundo da agricultura, levou a que muitas quintas e proprietários já não requisitem mão-de-obra, como no passado. A fixação de pessoas torna-se difícil e os que ficam, com ordenados muito baixos, sentem sérias dificuldades em cumprirem compromissos assumidos, concretamente com a banca. É o aparecimento da pobreza envergonhada.

Face a esta realidade, párocos e provedores, chegaram à conclusão que paróquias e Misericórdias possuem um património espiritual e humano riquíssimo, apesar dos poucos recursos económicos, que vão colocar ao dispôr dos casos mais aflitivos, vai ser criada uma equipe, que implemente formas de combate à pobreza e ponha ao dispor dos mais necessitados o “património” material e espiritual que possuem.

Pe. Sérgio Dinis

Itinerário Catecumenal

Embora escondida, a luz da Páscoa vai emergindo ao longo de toda a Quaresma, Domingo após Domingo como podemos ver nos evangelhos principalmente os do Ano A que lemos durante este ano.

Apesar de as outras leituras bíblicas dos domingos da Quaresma serem riquíssimas, é no Evangelho, com a sua temática própria e central na liturgia que se encontra maior riqueza. Cristo precede-nos e acompanha-nos. Ele venceu Satanás, superando as suas tentações (1º Domingo da Quaresma) e mostra a sua glória, na transfiguração, para animar os discípulos no árduo caminho da fé (2º Domingo). “Escutai-O” é a palavra chave. Esta exortação permanece actual porque a vida cristã é como nos relata o evangelista S. João no 3º, 4º e 5º Domingos, onde vamos ter, os chamados evangelhos catecumenais, isto é, aqueles de que se servia a Igreja primitiva para a preparação dos catecúmenos para o baptismo na noite da Vigília Pascal, cuja temática traz relação com o baptismo: a água viva, a luz e a vida.

Assim sendo, o 1º evangelho catecumenal (3º Domingo) apresenta-nos alguns aspectos profundos da experiência cristã: intimidade com Cristo, que tem sede da fé e do amor dos seus discípulos. O segundo evangelho catecumenal (4º

Domingo) apresenta-nos como temática principal o tom baptismal como base da experiência pascal que se avizinha, onde o baptismo é entendido como a passagem das trevas do pecado para a luz da fé, e da escravidão para a condição de filhos de Deus. Por fim o 3º e último que lemos no 5º Domingo da Quaresma apresenta-nos o gesto da ressurreição de Lázaro como uma acção libertadora da Páscoa, pela qual Ele mesmo liberta da morte. Porque, por ser homem, Jesus partilhou todas as nossas lágrimas e por ser Deus, é capaz de nos libertar da morte.

Faz parte da espiritualidade quaresmal, e



com grande ênfase, como no passado, a tomada de consciência da fé baptismal; por isso é preciso que cada cristão viva a Quaresma à luz do Evangelho, caminhando com Cristo rumo à Páscoa.

Bruno Pires, teólogo

Caminho para a Páscoa

Cont. pág. 1

Assim, Quaresma é:

- Tempo de graça e de salvação (Cf. 2Cor 6,2) para nos abriremos à novidade que brota da Cruz de Cristo como sinal da nossa redenção.
- Tempo de sermos novas criaturas revivendo e actu-

alizando o nosso baptismo, dando testemunho do nosso ser Igreja e com a Igreja.

- Tempo de abandonarmos os ídolos do mundo de hoje e renovarmos a nossa fidelidade a Jesus Cristo através da escuta atenta da sua Palavra.

Mensagem da Quaresma

Assumir as dores e esperanças da Sociedade

Cont. pág. 1

3 - Tais factos sociais aproximam-nos dos tempos bíblicos do rei Acab e do profeta Elias, da cidade de Nínive e do profeta Jonas, da paganização cultural de Israel tentada pelo rei Antíoco e da reacção dos Macabeus, do compadrio de Herodes com os romanos e da pregação de João Baptista.

Foram épocas de infidelidade espiritual de Israel, de liberdade sem verdade, de alianças com os estrangeiros. Os profetas chamaram o povo à razão, à oração e à penitência: «reconheci que é errado o caminho que percorreis, convertei-vos ao Senhor, e encontrareis a vida». Os humildes escutaram a palavra de Deus e o seu contributo influiu decisivamente toda a sociedade.

Quaresma é esse tempo de reaprender a viver com Deus, em comunhão de Igreja e com as outras pessoas. Para ser eficaz, essa aprendizagem tem de chegar ao coração de cada um, pois é no coração que estão os desvios, a soberba, os adultérios, as invejas, a ganância (Mc 7,21). Nenhuma lei nem fiscalização humanas podem substituir a conversão do coração. A chave da história e da vida dos povos é Jesus Cristo. O mundo vai aprendendo que não O pode dispensar. «Sem Mim nada podeis fazer».

4 - Entre nós, são ainda muitas as raízes cristãs. Ouvir a palavra de Deus, rezar, jejuar e renunciar,

são os clássicos caminhos quaresmais. Além dos modos habituais da oração diária, da abstinência às

ção faço? Que fiz da minha primeira Comunhão? E do Crisma? E do Domingo? E do meu Casamento?



Sextas-feiras e da partilha de bens, que os pais devem transmitir aos seus filhos, cada um é convidado a descobrir modos novos de viver a renúncia, desde o uso exagerado da Net e dos computadores até ao esbanjamento de dinheiro e das horas da noite. É preciso cair na conta de que vivemos numa sociedade laica, vazia e consumista, sendo necessário procurar as razões de viver e tomar atitudes que afastem falsos progressos, falsas liberdades e falsos triunfos. Há pessoas que trocaram a consciência cristã pela consciência partidária, invocando esta contra aquela. É altura de nos interrogarmos: Que fiz da minha consciência cristã? Como a oiço? Que ora-

Neste ano de 2011, a comunidade internacional faz apelo ao «Voluntariado» como ajuda à solução de muitos problemas sociais, apelo que pode ser aproveitado para visitar doentes e idosos abandonados.

Nos Domingos da Quaresma, um dos bispos irá à Sé, às 17 horas, fazer uma meditação da Palavra de Deus, depois do exercício da via-sacra.

A renúncia quaresmal deste ano será enviada para o «Fundo Solidário» da Conferência Episcopal, de que a diocese já tem beneficiado.

Vila Real, 11 Fevereiro 2011

Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real e Amândio José

Tomás, Bispo Coadjuutor

- Tempo de subir ao monte Tabor com Jesus Cristo, viver na intimidade com Ele e alegrarmo-nos com a certeza do seu amor por nós.

- Tempo de descer ao concreto da vida e descobrir o rosto transfigurado de Jesus Cristo nos nossos irmãos, sobretudo nos mais pobres, simples e humildes.

- Tempo de nos deixarmos tocar pelo amor misericordioso de Deus Pai que nos convida a uma mudança interior.

- Tempo de afirmação do “ser” diante da tentação do “querer parecer”, do “servir” diante da tentação do “querer mandar” e do “domínio de si” diante da ten-

tação da “procura do prazer”, tendo sempre como referência o Evangelho.

- Enfim, tempo dinâmico de conversão e arrependimento, tendo como meta definitiva o valor perene da Páscoa eterna, na comunhão com o Senhor Ressuscitado.

P. Abel Canavarro

O pecado do homem e o perdão de Deus

Começo por apresentar uma metáfora já conhecida para falar sobre o tema do perdão. Decerto já todos nos deparamos com umas placas de sinalização nas obras que dizem: “Desculpe o incómodo, estamos em obras”.

Por vezes, causamos muitos incómodos e transtornos naquilo que somos e acreditamos nas nossas vidas e nas vidas dos outros, porque somos imperfeitos, pecadores. Faz parte da nossa experiência de todos os dias a imperfeição, o erro e a ruptura. Todos queríamos ser perfeitos. Todos desejaríamos nunca falhar. Mas... A vida mostra-nos que por vezes falhamos. Somos humanos. Erramos. Apesar de não ser preciso errar para ser humano, a verdade é que errar faz parte da nossa experiência humana. A mesma lógica se coloca em relação a ser cristão e o pecar.

Como afirma a Igreja: “o pecado é, antes de mais, ofensa a Deus, ruptura da comunhão com Ele. Ao mesmo tempo, é um atentado contra a comunhão com a Igreja. É por isso que a conversão traz consigo, ao mesmo tempo, o perdão de Deus e a reconciliação com a Igreja, o que é expresso e realizado liturgicamente pelo sacramento da Penitência e Reconciliação” (CIC nº 1440).

Esses transtornos mostram que não estamos prontos, mas em construção. Isto leva-nos a uma conclusão essencial: todas as pessoas erram. A partir desta conclusão, chegamos a uma necessidade humana e cristã: o perdão.

Na nossa linguagem, quando falamos em Perdão estamos a designar uma atitude que implica a transformação do próprio que perdoa. Mas em Deus não é assim... O dom da Reconciliação é incondicional e gratuito, e aconteceu já há

cerca de 2000 anos sem reservas! O Perdão de Deus não é uma “declaração de inocência” por parte da Divindade, o perdão não se conquista, não se merece, nem se compra! O Perdão de Deus é incondicional e é anterior ao próprio pecado!



“É descobrindo a grandeza do amor de Deus que nosso coração experimenta o horror e o peso do pecado e começa a ter medo de ofender a Deus pelo mesmo pecado, e ser separado dele.” (CIC nº 1432).

Por este motivo, a conversão traz, ao mesmo tempo, o perdão de Deus e a reconciliação com a Igreja, isto que o Sacramento da Penitência e da Reconciliação, a confissão, exprime e realiza liturgicamente.

Existem muitas perguntas que se podem colocar perante a “Confissão”: “porquê confessar?”, “Porquê ao padre e não directamente a Deus?”, “Será um mero descargo de consciência?”, “Posso fazer uma asneira depois confesso e pronto?!”, “Confessar para quê se não dizemos tudo?”, “E quando o padre é conhecido?”, “O que é que devemos confessar?”, “Qual é o significado das

penitências?”, “E se eu ‘acho’ que não tenho pecados?” ...

A confissão é sempre um chamamento de Deus, que anseia sempre pelo nosso regresso. A iniciativa de nos aproximarmos do sacerdote é livre, é por isso nossa. Deus não força ninguém a pedir perdão dos pecados, mas Ele espera-nos, acolhe-nos e perdoa-nos. Este impulso

que nos leva a pedir perdão e, conseqüentemente, a abeirarmo-nos do sacerdote, foi colocado por Deus no nosso coração, que permanentemente nos chama à conversão e à santificação.

Por tudo isto, quando nos confessamos devemos dizer o que fizemos mal em relação a Deus, em relação aos irmãos, em relação a nós próprios e também o que devíamos fazer como cristãos e não fizemos. Eis alguns pontos de referência que devemos usar no nosso “exame de consciência”.

Uma boa confissão ajuda a reconhecer as nossas falhas e, mais do que isso, impulsiona-nos a buscar a santidade.

Se erramos, se magoamos, se julgamos mal, desculpemo-nos por todos esses transtornos... estamos em construção!

Diácono Marco Amaro

27 de Março, Dia da Caritas

As dioceses portuguesas celebram no terceiro Domingo da Quaresma o Dia da Caritas.

Desta vez no Ano Europeu do Voluntariado.

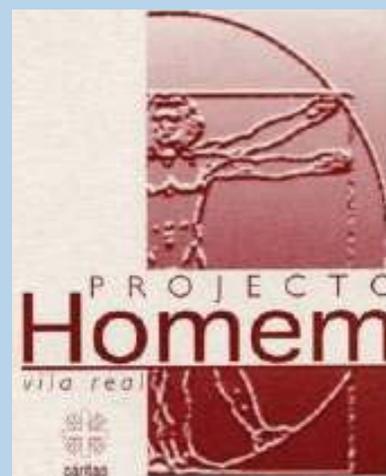
Cada cristão é convidado a olhar para o outro como um irmão, trabalhando para que todos possam ter melhores condições de vida, ser promotor da dignidade da Pessoa humana e dos valores cristãos. Neste sentido, este ano, a Caritas Portuguesa assumiu como lema promover o voluntariado. Esta iniciativa tem como objectivo fomentar e desenvolver o espírito de voluntariado nas pessoas, a fim de o viverem de uma forma consciente e com competência, bem como a manifestarem um verdadeiro espírito de missão e de ajuda ao seu semelhante.

Neste âmbito de ajuda ao outro, a Caritas Diocesana de Vila Real, nas suas várias vertentes de actuação: projecto Homem, o apoio Domiciliário, o RSI (rendimento social de inserção), a Empresa de Inserção Agrícola... pretende ser um organismo onde se procura chegar aos mais necessitados da nossa sociedade, trabalhando com os pobres dos pobres, com aqueles que a sociedade muitas vezes despreza. Para que esta ajuda possa ser dada, a Caritas tem actualmente 34 funcionários, que asseguram o bom funcionamento da Instituição.

Face à crise económica que se verificou este ano, e que ainda se sente, e pelas inúmeras solicitações que chegaram à Instituição, por parte de algumas famílias, a Caritas de Vila Real, através do Fundo Social Solidário, conseguiu ajudar estas

famílias, através do pagamento das rendas de casa, medicamentos e apoio domiciliário, tornando-se uma mais-valia para aqueles que mais necessitam. Actualmente passam pelos serviços da Caritas diocesana cerca de cinco mil pessoas por ano, que procuram a ajuda para muitos dramas, como a toxicod dependência, o alcoolismo, a falta de condições económicas para comprar medicamentos. Contudo, procura-se recuperar e ajudar estas pessoas, restituindo-lhes de novo o encanto pelo dom da vida e pela alegria de viver.

A exemplo desta Instituição, também cada cristão deve tentar dar ao seu semelhante de uma forma concreta, partilhando um pouco do que tem para o bem dos seus irmãos. Uma forma muito bela de praticar esta partilha, é ajudar estas instituições que trabalham em prol dos nossos irmãos mais desfavorecidos. Por isso é que no dia **27 de Março, terceiro Domingo da Quaresma**, será feito o peditório anual em favor das Cáritas, para o qual,



como cristãos, podemos e devemos dar o nosso contributo, para estas instituições que possam auxiliar os irmãos mais carenciados e da melhor forma possível.

Procuremos todos colaborar com alegria e generosidade!

Diácono Hélder Libório

CNE: reunião diocesana de assistentes

No dia 23 de Fevereiro, na Casa diocesana, realizou-se, a convite do Assistente do Núcleo do CNE, um encontro dos Assistentes paroquiais. Nele tomaram parte o Chefe Regional, os senhores Bispos D.Joaquim e D.Amândio e o Dr. David, da diocese do Porto e membro da área jurídica do CNE (Corpo Nacional de Escutas ou Escutismo Católico Português)



Da agenda constou, de manhã, uma reflexão feita pelo senhor Bispo da diocese sobre a «formação religiosa no CNE». Lembrou que «a dimensão religiosa é parte essencial do Escutismo projectado pelo seu Fundador, Baden Powell, e a formação católica é natural e juridicamente parte integrante do CNE. Mas essa formação deve ser ministrada pelo método escutista, tendo em conta a dinâmica dos

grupos (alcateias e patrulhas), o espírito lúdico e o valor da natureza», e deu exemplos sobre o modo de agir.

Da parte de tarde, o Dr. David lembrou o lugar do Assistente na estrutura jurídica do CNE, que «pertence ao quadro dos Dirigentes e não é mero conselheiro». Analisou as componentes da «natureza do Escutismo» (repetindo algo já dito na manhã), da «natureza jurídica do CNE» como associação privada de fiéis, e da «dimensão espiritual» do CNE como «evangelizadora e de fronteira», isto é, o CNE contém um sentido evangelizador dos jovens e a consciência de haver jovens com problemas de fé. Por fim advertiu para alguns conflitos que podem surgir e para um aproveitamento indevido de textos legais feitos para outras associações que bloqueariam por completo a actividade do CNE se fossem para ali transpostas.

Foi o primeiro encontro do género, muito oportuno e esclarecedor, pelo que todos ficaram gratos ao P. Ricardo Pinto, actual Assistente diocesano.

Cursilhos de Cristandade

Ultréia Aniversário

O aniversário (MCC) celebrou-se com uma ultréia diocesana, onde os novos cursilhistas foram especialmente convidados a estarem presentes. Em 13/02/2011 desde as 14h30 até às 20h30 um grupo de cerca de 90 cursilhistas, vindos de Chaves, Bragado, Pedras Salgadas, Valpaços,



Murça e Vila Real viveram o seu cursilho, no local onde o haviam realizado.

Ouvimos os mais novos, em casal, testemunharem o seu "quarto dia" e depois em reunião de grupo demonstrarem a alegria de se reen-

contrarem e o desejo de continuarem a viver a sua vida de sacerdotes leigos ao serviço de Cristo.

Pelas 18 horas participamos na Eucaristia dominical na Catedral Diocesana, celebrada pelo digno Pároco, Padre Currealejo, tendo concelebrado os Srs. Padre Manuel Alves, Padre Domingos Laje e o Assistente Diocesano Padre Sérgio Dinis.

A partir das 19 horas, novamente na Casa Diocesana, houve a partilha de um lanche entre todos. Houve convívio, partilha e com o coração cheio de amor de Cristo e dos irmãos deu-se o regresso a casa.

Cursilhistas, "Se fordes o que haveis de ser, pegai fogo ao mundo". Regressai com Deus aos vossos ambientes, levando ao mundo e aos homens a vossa fé, a vossa esperança, a vossa caridade, o vosso Evangelho, o vosso Cristo, o vosso Deus.

Decolores

O Secretariado Diocesano

Novo Bispo Auxiliar do Porto

O Santo Padre nomeou Bispo Auxiliar do Porto o Cón. Doutor Pio Gonçalo Alves de Sousa, até agora Director Adjunto do Centro Regional da Universidade Católica de Braga, e Deão do Cabido da Sé de Braga. Nos dois lugares desenvolveu trabalho científico meritório.

D. Pio tem 65 anos de idade e



nasceu em Viana do Castelo, mas pertencer ao clero da arquidiocese de Braga, e receberá a ordenação episcopal em Braga, na cripta da basílica do Sameiro, no dia 10 de Abril. O seu lema é «Verdade na Caridade».

O novo Bispo Auxiliar irá juntar-se a D. António Taipa, D. João Lavrador e D. João Miranda que já completou 75 anos de idade.

Futsal: padres portugueses ficam em 4º lugar

Portugal, finalista vencido no último campeonato (2009), derrotou e venceu as selecções da Áustria (3-1), Bielorrússia (2-0), Hungria (3-0), Eslovénia (4-0) e Croácia (3-1).

Depois de ganharem os cinco primeiros jogos que realizaram no V Campeonato Europeu em Futsal para sacerdotes católicos, os padres portugueses «escore-

garam» ante a anfitriã do evento (Polónia) e no jogo de apuramento do terceiro e quarto lugar, a selecção lusa foi derrotada por 5-1 com a Bósnia-Herzegovina.

A selecção portuguesa é constituída por 13 padres de cinco dioceses nortenhas (Braga, Lamego, Porto, Viana do Castelo e Vila Real). De Vila Real, participaram, este ano, os padres Areias, Carlos Rubens, Ricardo e Ivo.

O padre português, Marco Gil, da diocese de Braga, foi considerado o melhor jogador da «Champions Clerum» que terminou dia 24 de Fevereiro, em Kielce, Polónia.

O próximo mundial realiza-se na Hungria.



Padres falecidos

O Pe. José Fernando Neves da Purificação nasceu em Lebução a 17 de Julho de 1937. Ingressou no Seminário de Vila Real, frequentando Humanidades, Filosofia e Teologia, que concluiu em Julho de 1960. Foi ordenado Padre em 17 de Dezembro de 1960, na Sé de Vila Real.

Mais tarde, frequentou o Curso de Pastoral Catequética no Instituto de Pastoral Catequética de Montréal, Canadá, em 1968/69, sendo, nesse ano, coadjutor da Missão Católica de Montréal.

De 1961 a 1968 foi capelão das Religiosas das Pedras Salgadas. Exerceu a paróquialidade em Pensalvos e Monteiros de Dezembro de 1970 a Outubro de 1983 e foi pároco de São Martinho de Bornes e Tresminas de 12 do Outubro de 1983 a 30 de Julho de 2007.

Foi ainda professor no Externato de Duarte de Almeida, em Vila Pouca de Aguiar, de 1960 a 1977 e professor de Educação Moral e Religiosa em Vila Pouca de Aguiar e Pedras Salgadas.

Faleceu a 17 de Dezembro 2010.

O Pe. Luís Gonzaga Borges Sanches nasceu na paróquia de Afonsim em 27 de Fevereiro de 1929. Foi ordenado padre a 22 de Dezembro de 1956.

Foi coadjutor da Paróquia de Salvador, Ribeira de Pena, pároco de Tourém, Canedo (1977) e mais tarde Arcossó e Vila das Parinheiras, Anelhe e Vilela do Tâmega. Em 1978, pároco de Serraquinhos, Meixedo, Padroso e Padronelos. No ano de 1987 foi nomeado pároco de Beça, Codeçoso, Canedo. Ainda paroquiou Curros e Fiães e também Alturas. Em 9 de Fevereiro de 2004, deixou a paróquialidade.

Faleceu em Capeludos a 12 de Janeiro de 2011.

Recollecção do Clero em Mirandela

A Recollecção Quaresmal para o clero, este ano, fez-se em comum com os padres da Diocese de Bragança. Foi no dia 7 de Março, na casa dos Salesianos, em Mirandela, no Centro Social e Paroquial de São João Bosco.

Do programa do encontro constou uma reflexão sobre a “Verbum Domini” feita pelo senhor Bispo de Bragança, D. António Montes, uma hora de adoração e tempo para a reconciliação. É vigário episcopal do Clero o Mons. Guerreiro.

Pe Manuel Alves homenageado na sua terra

Em Parafita, Viade, Montalegre, foi recentemente inaugurada a nova sede da Banda de Música. O dia 12 de Fevereiro de 2011 ficará como um dia memorável para esta colectividade com mais de 200 anos, testemunhado por muita gente numa cerimónia que teve a bênção do bispo coadjutor da diocese, D. Amândio Tomás.

Iniciada em meados de 2006, a construção da nova sede teve que ultrapassar uma série de dificuldades que levaram que só neste ano de 2011 fosse inaugurada.



Refira-se que os terrenos que fizeram erguer a nova sede foram comprados pelo padre Manuel Alves e doados à associação. Além do terreno ainda fez mais algumas contribuições, nomeadamente, a recuperação total do canastro tradicional que se encontrava no terreno original.

Por isso mesmo a Associação Cultural de Parafita ao inaugurar esta nova sede da Banda lhe prestou uma justíssima homenagem deixando o seu nome gravado numa placa à entrada do edifício que agora fica com o seu nome.

SDEC: retiro de Catequistas em Lamego

De 25 a 27 de Fevereiro, decorreu, na Casa de S. José em Lamego, o retiro para catequistas tal como previsto no programa pastoral diocesano. Foram cerca de 20

os que aceitaram o desafio de fazer uma pausa nas suas actividades quotidianas e dedicar um tempo à sua formação espiritual. Num local calmo, houve tempo para a escuta

da Palavra, oração, reconciliação e adoração eucarística... tempo precioso para cada um recuperar o equilíbrio e o fôlego necessários aos anunciadores do Reino.

VALPAÇOS

Curso de Iniciação para catequistas

Decorreu, com a supervisão do Secretariado Diocesano da Educação Cristã, entre os dias 29 de Janeiro e 26 de Fevereiro, no Centro Paroquial de Valpaços, um Curso de Iniciação para Catequistas do Arciprestado da Terra Quente.

De salientar que os temas próprios deste curso foram desenvolvidos por padres, religiosas e

leigos deste Arciprestado, numa colaboração muito interessante e interessada de dois leigos licenciados em Teologia: um deles a leccionar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica numa escola de Valpaços e o outro a leccionar em Chaves e em estágio para a futura Ordenação.

Abriu este curso o Secretá-

rio Diocesano da Educação Cristã e presidiu ao seu encerramento o Senhor Bispo Coadjutor, com uma celebração na Capela do Centro Paroquial.



ALTO TÂMEGA

Ministros Extraordinários da Comunhão

No dia 6 de Fevereiro, no salão da Paróquia de Santa Maria Maior de Chaves, realizou-se um encontro de Ministros Extraordinários da Comunhão, da zona pastoral do Alto Tâmega. Estiveram presentes cerca de cem ministros extraordinários da Comunhão. Orientou o encontro o P. Mário, dos Padres Vicentinos, Pároco de Santo Estêvão e anexas. Estiveram presentes vários párocos que no final do

encontro deram o seu contributo no diálogo às questões levantadas pelos participantes. O encontro foi encerrado pelo D. Amândio que incentivou todos a exercerem o ministério com muita dedicação.

Catequistas

Realizou-se um curso de iniciação para catequistas, na zona pastoral do Alto Tâmega,

aos Sábados das 10 h. ao meio dia, no salão paroquial da Igreja Matriz. Iniciou-se no dia 15 de Janeiro e terminou no dia 5 de Março. O curso foi orientado pelos padres da zona pastoral. Fizeram este curso quarenta catequistas.

O Dia de Retiro para catequistas da zona Pastoral do Alto Tâmega será, no dia 12 de Março, Sábado de Cinzas, na casa de Santa Marta, em Chaves. Orientará o retiro o P. Mário, dos Padres Vicentinos.

DOURO I

Manhã de reflexão

No dia 28 de Dezembro do ano passado, e como já é hábito logo a seguir ao Natal, os Párocos do Arciprestado do Douro I reuniram-se no Seminário de Godim para uma manhã de reflexão. Foi convidado para orientar esta manhã o senhor D. António Couto, Bispo Auxiliar de Braga, que falou sobre “O Sabor da Palavra de Deus”. O tema apresentado ajudou a aprofundar a nossa relação com a Palavra, escutada, vivida e anunciada. Foi também uma belíssima introdução aos trabalhos da tarde, que contaram com a presença da equipa do ANIMAG. Com os missionários presentes, começou-se a elaborar o plano da semana missionária, prevista para os dias 2 a 10 de Abril, em todas as Paróquias do Arciprestado.



MENSAGEM DOS PÁROCOS DO DOURO I SOBRE A SEMANA MISSIONÁRIA

Respondendo ao apelo que nos foi feito pela Carta Pastoral dos Bispos de Portugal, a 17 de Junho do ano de 2010, sob o tema “PARA UM ROSTO MISSIONÁRIO DA IGREJA EM PORTUGAL”, as Paróquias da Zona Pastoral Douro I da nossa Diocese de Vila Real vão levar a efeito uma **Semana Missionária** com a finalidade de fazer despertar mais vivamente o espírito missionária das comunidades.

(...) Tendo presente a imagem do Bom Pastor, não podemos contentar-nos com ficar à espera e cuidar dos que vêm ter connosco. Deus tomou a iniciativa da nossa salvação, amando-nos primeiro. Portanto, imitando o Bom Pastor, que foi à procura da ovelha perdida, uma comunidade evangelizadora sente-se continuamente obrigada a expandir a sua presença missionária em todo o território confiado ao seu cuidado pastoral e também na missão orientada para outros povos.

Ora a Paróquia, segundo as palavras do Papa João Paulo II, é “a própria Igreja que vive no meio da casa dos seus filhos e das suas filhas”; a sua vocação “é a de ser a casa de família, fraterna e acolhedora”, que vive a alegria de saber que o homem é amado por Deus e que Ele nos quer felizes. Por isso queremos que esta Semana Missionária contribua para o crescimento de uma “Igreja bela, verdadeira casa de família, sensível, fraterna, acolhedora e sempre apressadamente a caminho (cf. Lc 1, 39), mãe comovida com as dores e alegrias de seus filhos e filhas, cada vez menos em casa, cada vez mais fora de casa, a quem deve fazer chegar e saber envolver na mais simples e comovente notícia do amor de Deus. Ao mesmo tempo, é necessário que todos se sintam chamados e estimulados a participar, com harmonia, na missão da Igreja, casa e escola de comunhão, tendo sempre presente que a construção da comunidade eclesial é a chave da missão”. Sendo assim, missão não é proselitismo; é testemunho da fé e acto de amor para salvação de todos. (...)

Uso dos Sinos

Nos últimos anos surgiram em algumas paróquias conflitos por causa do toque dos sinos durante a noite. Para todos os casos foram pontualmente dadas aos respectivos párocos orientações sobre o modo de agir. Aproveitando essa experiência, pareceu útil estabelecer orientações gerais sobre o uso dos sinos na Diocese.

O uso dos sinos é muito antigo na Igreja, remontando ao séc.V, e tinha por fim convidar os fiéis para as celebrações oficiais comunitárias, assinalar acontecimentos religiosos festivos ou dolorosos da comunidade cristã local, diocesana e universal, e chamar o povo em horas de catástrofe, mormente incêndios de grandes dimensões. Alguns destes usos mantêm-se vivos, como assinala o actual «Ritual das Bênçãos».

Nas últimas décadas, instalaram-se nas torres das igrejas, sobretudo no meio rural, aparelhagens eléctricas difusoras de música gravada e do batimento das horas e tempos intercalares de relógios das igrejas. Esse comportamento afectou o sentido estético de muitas igrejas ao colocar cornetas nas torres e cruzeiros e desvirtuou o uso dos sinos ao introduzir elementos estranhos aos mesmos que se vêm a revelar perturbadores do legítimo descanso.

Esse fenómeno tem ocasionado queixas variadas pelo que se estabelecem estas normas disciplinares:

- 1 - Dada a íntima relação dos sinos com a vida cristã das comunidades, os sinos devem ser benzidos. Essa bênção já está incluída na bênção geral ou sacração de uma igreja nova; nos outros casos, deve fazer-se um acto próprio da bênção dos sinos.
- 2 - O uso dos sinos está sujeito à autoridade do pároco.
- 3 - Havendo alguém que o pos-

sa fazer, os sinos devem manter o toque do «Angelus» de manhã (nunca antes das oito horas), ao meio-dia e ao sol-posto. Esse toque é tradicionalmente composto por nove badaladas divididas em grupos de três.

4 - Dentro dos legítimos costumes locais, os sinos devem tocar para chamar os fiéis para as celebrações



oficiais dos Domingos e dias santificados e dos dias feriais; no final dos Baptismos; e na morte dos fiéis, notificando o falecimento, convidando os fiéis para as Exéquias e no início do cortejo para o cemitério (O uso dos sinos na morte será omitido nos casos de funerais em que as exéquias canonicamente não se possam realizar).

5 - Durante o dia, o batimento das horas no bronze do sino accionado por mecanismos eléctricos, poderá manter-se; a difusão amplificada do batimento das horas em relógios poderá fazer-se no período diurno, mas deve evitar-se acrescentar músicas estridentes.

6 - No tempo nocturno (das vinte e duas às oito da manhã), é vedada qualquer difusão sonora dos relógios e dos sinos.

7 - A difusão exterior das celebrações litúrgicas só deve fazer-se quando se trata de verdadeiro acontecimento geral e houver muitos fiéis que não caibam dentro da igreja. De outro modo, a difusão exterior pode ser um convite a permanecer fora das igrejas e mesmo em casa, e constituir uma agressão aos outros. Evite-se tudo o que seja afirmação de grandeza e de rivalidades locais.

Os párocos e capelães cuidarão de fazer a educação dos fiéis para as novas realidades sociais que impõem novos comportamentos. As novas tecnologias correm o perigo de infectar de poluição sonora a vida das pessoas e das famílias, hoje sujeita a um ritmo estressante que exige cuidadosa atenção. Nas zonas rurais, onde é cada vez maior a desertificação das populações, compreende-se que o toque dos sinos possa constituir um sinal de presença. Mas, mesmo aí, há a necessidade de não confundir o uso dos sinos com ruídos agressivos, e cuidar do silêncio nocturno, cada vez mais necessário para os próprios residentes e para quantos por lá passam.

Estas normas foram aprovadas em Conselho de Presbíteros da Diocese.

Vila Real, 15 Novembro 2010
Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real

Vai Acontecer

Março

- 4-5 Encontro de alunos do Secundário de EMRC, em Lisboa
- 5-7 Convívio Fraternal, na Casa Diocesana
- 6-8 Retiro Espiritual para Professores de EMRC, Avesadas
- 7 Recolecção Quaresmal para o Clero Diocesano, em Mirandela
- 9 Quarta-feira de Cinzas
- 13 Encontro de Preparação de novos Ministros Extraordinários da Comunhão, em Montalegre
- 19 Dia do pai
- Encontro Diocesano das Famílias, Vila Pouca de Aguiar
- 27 Dia da Caritas e Dia Diocesano acção socio-caritativa (IPSS)
- Reunião das IPSS, na Casa Diocesana
- 28 Encontro das Misericórdias da Diocese, na Casa Diocesana

Abril

- 4 Recolecção mensal dos Sacerdotes, Casa do Clero
- 9 Bênção das Pastas, Vila Real
- 16 Jornada Diocesana da Juventude, em Sabrosa
- 17 Domingo de Ramos
- 20 Aniversário da Criação da Diocese
- 21 Missa Crismal, Sé
- 20 Sexta-Feira Santa
- 23 Aniversário natalício de D. Amândio Tomás
- 24 Páscoa da Ressurreição
- 27 Conselho de Presbíteros



Nota da Vigararia Geral sobre os Censos de 2011

Durante o mês de Março vai decorrer o trabalho dos Censos de 2011, em ordem à recolha de dados sobre a população e outras realidades sociais. Esses Censos são fundamentais para actos de governação e também para outras tarefas públicas. Os próprios párocos podem beneficiar de tais inquéritos estatísticos.

Por tudo isto, pede-se aos Párocos e outros sacerdotes com cura de

almas a melhor colaboração com os agentes da realização desses Censos. A distribuição dos questionários faz-se a partir de 7 de Março e a recolha dos mesmos até 21 desse mês.

Os cidadãos das paróquias, que são simultaneamente nossos fiéis, podem sofrer limitações diversas e a esses podem ser especialmente indispensáveis as nossas orientações e os nossos

conselhos de párocos e outros sacerdotes. É indispensável que o fantasma das eleições e da abstenção verificada recentemente se não repita neste sector.

A realização correcta dos Censos é um dever de cidadania que pode revestir mesmo uma conotação de justiça social e de caridade.

Vila Real, 23 de Fevereiro de 2011
Dr António de Castro Fontes
Vigário Geral da Diocese e
Moderador da Cúria